

PRÓDROMOS DO CARNAVAL: VESTÍGIOS DO CARNAVAL DE RUA CARIOCA DE 1950

Thiago de Souza Borges¹

Resumo: O artigo analisa reportagens publicadas no *Jornal do Brasil* nos primeiros meses de 1950, com ênfase na seção “Pródromos do Carnaval”, a fim de compreender criticamente um período ainda pouco explorado da história do carnaval de rua carioca. A pesquisa, fundamentada em levantamento documental na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, revela contradições nos discursos sobre a suposta decadência da festa e investiga os silêncios e apagamentos em torno das práticas populares e negras. Além da análise das fontes jornalísticas, o trabalho apresenta um panorama histórico das disputas simbólicas em torno do carnaval e propõe a leitura da área central do Rio de Janeiro como espaço de “confluências carnavalescas” — conceito que evidencia os fluxos festivos da população negra oriunda de diversas regiões da cidade em direção ao centro urbano durante o ciclo momesco.

Palavras-chave: Carnaval; Confluências carnavalescas; Pequena África; Cidade Nova; Relações Raciais

PRÓDROMOS DO CARNAVAL: TRACES OF RIO DE JANEIRO'S 1950 STREET CARNIVAL

Abstract: This article analyzes reports published in the *Jornal do Brasil* during the first months of 1950, with an emphasis on the “Pródromos do Carnaval” section, in order to critically examine a still little-explored period in the history of Rio de Janeiro's street carnival. Based on documentary research in the Digital Newspaper Archive of the National Library, the study reveals contradictions in discourses about the supposed decline of the festivities and investigates the silences and erasures

¹Servidor Público Federal da FUNAI no cargo de Especialista em Indigenismo NS. Músico, bacharel em História, mestre e doutorando em Música na UNIRIO, na linha de Etnografia das Práticas Musicais. Membro do Grupo de Pesquisa em Musicalidades da Diáspora Africana (GPEMUDA). Formado pelo curso técnico de percussão da Escola de Música Villa-Lobos, Thiago de Souza Borges é mais conhecido no meio artístico como Thiago Kobe. Como instrumentista, já trabalhou com diversos artistas importantes da música popular brasileira, tendo também atuado muitas vezes como músico contratado em algumas das principais orquestras sinfônicas do Rio de Janeiro. Como compositor e vibrafonista, já lançou quatro discos de obras autorais. E-mail de contato: Thiago.kobe@gmail.com

surrounding popular and Black practices. In addition to analyzing journalistic sources, the work presents a historical overview of the symbolic disputes surrounding carnival and proposes reading the central area of Rio de Janeiro as a space of “carnavalesque confluences” — a concept that highlights the festive flows of the Black population from various parts of the city toward the urban center during the carnival cycle.

Keywords: Carnival; Carnavalesque confluences; Little Africa; Cidade Nova; Race relations

PRÓDROMOS DEL CARNAVAL: VESTIGIOS DEL CARNAVAL DE CALLE DE RÍO DE JANEIRO DE 1950

Resumen: El artículo analiza reportajes publicados en el *Jornal do Brasil* durante los primeros meses de 1950, con énfasis en la sección “Pródromos do Carnaval”, con el fin de comprender críticamente un período aún poco explorado de la historia del carnaval callejero de Río de Janeiro. La investigación, basada en un relevamiento documental en la Hemeroteca Digital de la Biblioteca Nacional, revela contradicciones en los discursos sobre la supuesta decadencia de la fiesta e investiga los silencios y borrados en torno a las prácticas populares y negras. Además del análisis de las fuentes periodísticas, el trabajo presenta un panorama histórico de las disputas simbólicas en torno al carnaval y propone leer el área central de Río de Janeiro como un espacio de “confluencias carnavalescas”, concepto que pone de relieve los flujos festivos de la población negra procedente de diversas regiones de la ciudad hacia el centro urbano durante el ciclo momesco.

Palabras clave: Carnaval; Confluencias carnavalescas; Pequeña África; Cidade Nova; Relaciones raciales

1. Introdução

No presente artigo, me debruço sobre um período que sempre me pareceu nebuloso durante minhas leituras ao longo de alguns anos de pesquisa sobre o carnaval de rua carioca: a segunda metade do século XX. A literatura, em geral, ao tratar da área central da cidade, parece apontar para a existência de uma lacuna – segundo tal noção, o carnaval de rua teria minguado, se não quase desaparecido na área central (ANDRADE, 2018; ENEIDA, 1958; PIMENTEL, 2002) – no período que se estende do fim daquilo que se denominou “era dos ranchos” (décadas de 1920 e 1930), até o surgimento de agremiações carnavalescas vinculadas, principalmente à assim chamada, classe média da zona sul, configurando o que se denominou de “revitalização” do carnaval carioca (SAPIA; ESTEVÃO, 2021, p. 70) ou “retomada carnavalesca” (FERNANDES, 2019, p. 18) do carnaval de rua carioca, em meados da década de 1980 – muito embora dê conta da existência de um carnaval de rua vivo e pulsante nos subúrbios, ainda que sem grandes aprofundamentos ou detalhamentos. Diante de tal temática, ainda pouco explorada, irei, nas páginas que se seguem, percorrer caminhos que ajudam a melhor

compreender o que foi o carnaval de rua da área central da cidade ao longo desse período.

Do ponto de vista metodológico, este artigo realiza uma análise histórico-documental a partir de fontes primárias coletadas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, com foco nas edições do *Jornal do Brasil* publicadas entre janeiro e março de 1950. O levantamento consistiu na busca pela palavra-chave “carnaval”, o que resultou em aproximadamente 350 ocorrências, posteriormente examinadas com atenção à forma como o discurso jornalístico construiu determinadas imagens sobre o carnaval de rua, seus protagonistas e suas práticas. A leitura crítica das matérias, principalmente aquelas presentes na seção “Pródromos do Carnaval” – coluna carnavalesca assinada pelo cronista “Azul” (Arthaydio Luz, ou A. Luz) que era publicada nas semanas que antecediam os festejos – leva em consideração tanto os enunciados explícitos quanto os silêncios e apagamentos, sendo guiada por referenciais teóricos da história social, dos estudos raciais e da crítica cultural, com ênfase nos trabalhos de Clóvis Moura, Martha Abreu e Marcos dos Santos Santos. Assim, a metodologia adotada privilegia a identificação de disputas simbólicas e políticas em torno da ocupação das ruas, da legitimação de determinadas formas de festejo e da racialização dos sentidos atribuídos ao carnaval.

Os caminhos de investigação pretendem abordar tanto as agremiações locais da região central da cidade como as agremiações dos subúrbios e outras partes que levavam seus desfiles para a região do centro. Entendendo que ambos os fenômenos acabam por agregar pessoas de diferentes territórios da cidade, o que, aliás, caracteriza aquele espaço desde o século XIX. Principalmente quando se refere à cidade nova, que, estando conectada tanto à zona portuária e aos morros dos entornos pela sua proximidade, quanto aos subúrbios, pelas linhas de bonde, era um espaço de convergência das camadas populares de diversos locais da cidade. Representando, como aponta Bruno Carvalho, uma “encruzilhada” (CARVALHO, 2019, p.76-83). Se a área central é esse espaço de concentração populacional ao longo do ano, passa a ser especialmente um espaço de “confluência” (SANTOS, 2023a / 2023c) – o conceito de confluência, que faz parte da teoria contra colonial elaborada pelo intelectual quilombola Antônio Bispo dos Santos, ou Nêgo Bispo, constitui, em curtas palavras, na ideia de que um rio, ao encontrar outro rio, não deixa de ser ele mesmo, mas passa a ser o próprio e mais o outro –, da população negra no período carnavalesco e é nessa perspectiva que será pensada e abordada. Utiliza-se, assim, o conceito de “confluências carnavalescas” (Borges, 2024a) para melhor interpretar os fluxos festivos, majoritariamente negros, principalmente dos morros e subúrbios em direção ao Centro.

2. Um Pouco de Contexto Histórico

Alguns termos e palavras chave como “entrudo”, “Grandes sociedades”, “clubes”², “ranchos”, “cordões”, “curso” e outros que escapam às atuais discussões e realidades carnavalescas (como o/a leitor/a notará) são de grande relevância. Nesse sentido, é de suma importância, não só apresentar seus sentidos, mas, muito mais do que isso, apontar para o conjunto de disputas no qual se inserem. O tamanho e a proposta do texto são absolutamente impeditivos a um aprofundamento do assunto. Porém, uma breve exposição se faz necessária.

“Entrudo” está ligado à prática da “molhaçada”, ou seja, à brincadeira de molhar, ou seja, consistia em pessoas arremessarem líquidos umas nas outras. A mais característica era o uso dos “limões de cheiro”, pequenas bolas de cera fina que continham líquidos variando de água perfumada a água suja. Eram comuns também o uso de seringas e bisnagas de lata, e também era comum que se despejassem baldes e bacias do alto de sacadas. Todos esses instrumentos serviam para disparar líquidos que podiam ser qualquer tipo de conteúdo, do lúdico ao asqueroso, incluindo tinta, piche, lama, groselha, café e até mesmo urina. Sendo o uso dos líquidos, inclusive os repugnantes, já presentes no entrudo de Portugal. Mas a brincadeira não se limitava à “molhaçada”, depois de molhadas, as pessoas podiam ser atingidas por variados pós, como polvilho, farinha, café, gesso, além de cartuchos de pós de goma, bombinhas de mau-cheiro, ovos e outros. Durante o século XIX, a brincadeira era comum nos grandes salões, nas ruas do centro da cidade e também nos subúrbios (BRASIL, 2011, p. 29-34; CUNHA, 2001, p. 21-65 / 1996, p. 97; GÓES, 2002, p.2; PEREIRA, 2004, p. 58-69).

Até meados do século XIX “entrudo” e “carnaval” eram basicamente sinônimos. Isso muda, principalmente, com dois processos contemporâneos e imbricados que são o surgimento das “Grandes Sociedades Carnavalescas” e o discurso civilizatório e condenatório das práticas do entrudo. As práticas das grandes sociedades, protagonizadas pela elite e estratos médios da sociedade e que tinham as camadas populares como espectadores, tinham forte caráter pedagógico e objetivavam – em um momento em que a abolição era o tema do momento e um processo histórico adiável, mas já evidentemente inevitável – “ordenar” os festejos, trazer uma estética europeia, de inspiração vianense e educar a povo, principalmente a enorme e temida massa negra, liberta ou cativa. Havia, naqueles tempos de ebulição política, com a ascensão do abolicionismo (movimento que tinha grande impacto nas camadas populares e estratos médios; nos iletrados e nos intelectuais), uma grande necessidade de controle das “Classes Perigosas” (Chalhoub, 2017) e um medo do “haitianismo” ou “haitianização” do Brasil em conjunto com o “fantasma do comunismo”, cujo o maior perigo seria a junção das duas classes oprimidas

² Prática mais ligada às elites, com desfiles em automóveis.

(escravizados e trabalhadores livres) em torno de ideias marxistas (MOURA, 1993, p.181-188).

Nesse cenário, abre-se uma grande perseguição às práticas entendidas como distantes do processo civilizatório idealizado, ou seja, o projeto de embranquecimento. A suposta perseguição ao entrudo e seus hábitos “degradantes” e “violentos”, na prática, apresenta-se como uma repressão à população negra e suas práticas. Um processo de opressão que se dá, de forma imbricada e complementar, nos discursos dos literatos e na repressão direta do poder público (Borges, 2024b). Uma verdadeira caça aos “africanismos” identificados, principalmente, pelas suas práticas sonoras, genericamente chamadas de “batusques” (SANTOS, 2020).

Nesse contexto (passagem do século XIX para o XX) surge um modelo de agremiação, bastante ligado à chamada comunidade baiana da Pequena África, os ranchos. Embora protagonizado pelo mesmo perfil populacional dos perseguidos cordões (trabalhadores majoritariamente negros), traz algumas inovações estéticas, incorporando elementos das grandes sociedades, juntamente com outras estratégias de legitimação (Cunha, 2001).

Em um primeiro momento, os literatos foram incapazes de distinguir os dois modelos. Aí entra o destacado papel dos cronistas, alguns dos quais, como Vagalume, Jota-Efegê e Peru Pés Frios (COUTINHO, 2006), de fato participavam dos festejos populares negros e identificavam as inovações, que incluíam a introdução das sonoridades da Pequena África ligadas à figuras como Pixinguinha, Donga, João da Baiana e Heitor dos Prazeres e construções já consagradas e legitimadas pelas sociedades como a escolha de um “enredo” para o desfile.

Os ranchos foram ganhando importância, prestígio e legitimidade social, passando a ser chamados de “pequenas sociedades” – posteriormente, também os blocos de frevos receberiam tal alcunha. Os cordões foram, juntamente com a população negra, espalhando-se pelos territórios de morros do entorno do centro e bairros dos subúrbios. Em tal processo, muitos desses cordões, ou blocos, foram se tornando as primeiras escolas de samba. Um novo modelo de festejo negro que, como tal, precisou criar suas estratégias de legitimação para escapar à repressão e seguir existindo. É assim que adotam algumas das práticas dos ranchos. Em verdade, nos seus primórdios, algumas das primeiras escolas eram quase indistintas dos ranchos. A própria Deixa Falar, tida como a primeira escola de samba, chegou a competir como rancho (Cabral, 2016; Cunha, 2001; Faria, 2008; Neto, Lira, 2017).

Ou seja, de todo o brevíssimo resumo que o/leitor/a encontra aqui, o que deve ficar evidente, até mesmo para guiar a leitura que se segue, são dois pontos centrais: disputas e processos de legitimação. Tendo, ambas, as hierarquias raciais como um ponto central. Trata-se de estratégias de legitimação que possibilitem escapar à perseguição aos africanismos. De outro lado existe um discurso legitimador do “bom carnaval”. Ou seja, o “carnaval sadio” versus o “não sadio”

(ANDRADE, 2018), no qual o primeiro é enaltecido nas páginas da imprensa e o segundo é omitido, quando não fica relegado às páginas policiais.

3. Vasculhando a Hemeroteca

Acredito que um primeiro passo importante para estudar o carnaval de rua da área central da cidade a partir da década de 1950 seja um “mapeamento” das agremiações que desfilaram por ali no período. Para tal empreitada realizei um levantamento na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional utilizando a palavra-chave “carnaval”.

Um primeiro ponto curioso que surgiu ao começar a vasculhar a hemeroteca foram os movimentos das aparições da palavra “carnaval” ao longo das décadas. Tomando o exemplo do Jornal do Brasil desde a sua fundação, em 1891 tem-se o seguinte:

Figura 1 - Ocorrências da palavra “carnaval” no Jornal do Brasil

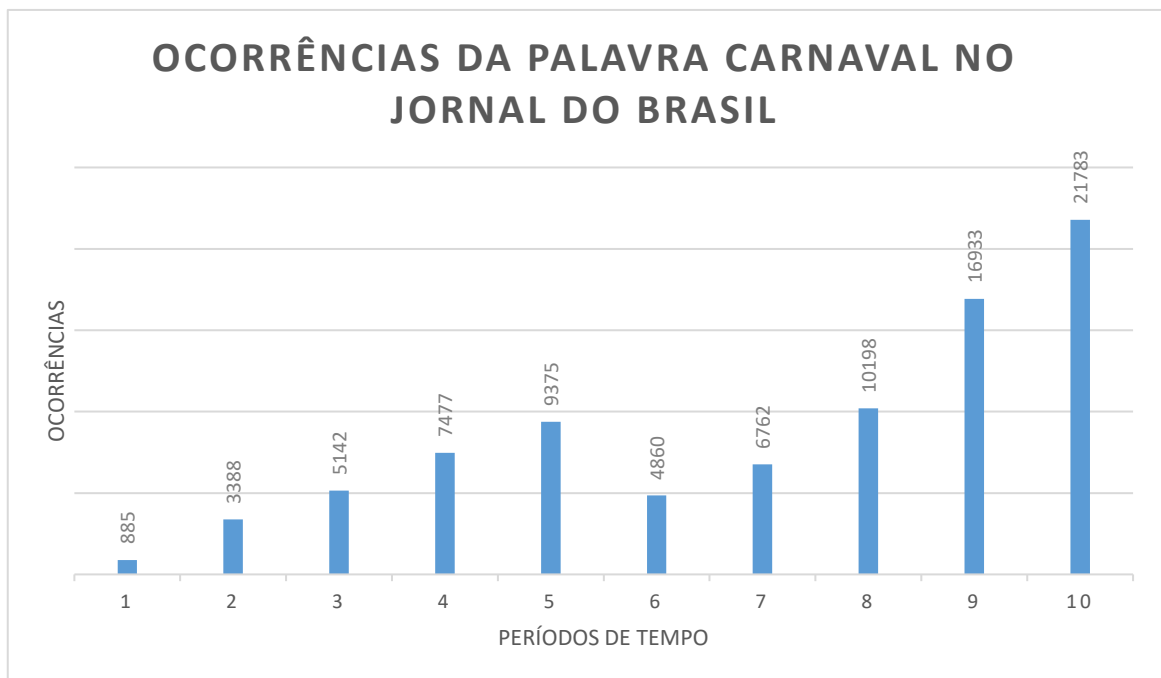


Figura 2 Fonte: Elaboração do Autor (2024)

O Jornal do Brasil é uma fonte interessante por ter sua fundação ainda no final do século XIX e durar até o tempo presente. Esta primeira análise não considera o contexto em que a palavra “carnaval” aparece, e nem distingue o carnaval das escolas de samba do carnaval de rua. Trata-se de uma análise inicial e de caráter meramente quantitativo.

Percebe-se, muito nitidamente, uma ascensão do aparecimento da palavra até a década de 1930, com uma abrupta queda na década de 1940. Contudo, de lá para diante, nota-se um constante crescimento.

Logo no início da análise de tais ocorrências, percebe-se que “carnaval” aparece com muitos sentidos, não necessariamente se referindo diretamente aos festejos, se referindo à músicas gravadas para serem sucesso no “carnaval”, anúncios dos mais diversos relacionados à festa ou, por exemplo, sendo utilizada como metáfora, como no caso da edição de primeiro de janeiro de 1950, onde se dizia que os festejos de ano novo, com as ruas cheias, “apresentavam um aspecto imponente de um verdadeiro carnaval” (PRÓDROMOS DO CARNAVAL, 1950, p. 12). Curiosamente, já naquele primeiro dia do ano, os jornais estavam repletos de informações sobre os festejos carnavalescos que se aproximavam. Sigamos as trilhas deste veículo.

Ainda no início de janeiro, as publicações já falam sobre como o carnaval foi “morrendo na alegria” e no empenho do prefeito, General Ângelo Mendes de Moraes, em promover o “ressurgimento” do carnaval, na mesma página em que anuncia as próximas festividades do “Tenentes do Diabo” e “quatro magníficos bailes” carnavalescos no “populoso e aristocrático” bairro da tijuca aonde, durante os “festejos de momo”, se vivenciaria um “autêntico carnaval de Veneza”. E ainda anunciavam reunião dos ranchos, dos frevos – havia uma discussão interessante que figura nas páginas do periódico referente à “entrada” dos frevos no contexto carnavalesco carioca. Sendo combatidos em um primeiro momento por serem “de fora”, passaram a figurar no cenário e no calendário oficial (PRÓDROMOS DO CARNAVAL, 1950r) – e das escolas de samba para decidirem suas participações nos desfiles carnavalescos (PRÓDROMOS DO CARNAVAL, 1950b, p.10).

Existe um destaque para os preparativos das sociedades como os clubes dos democráticos e dos fenianos, salientando e enaltecendo o papel de seus carnavalescos – com discursos que em muito lembram a atual abordagem da imprensa a respeito das grandes escolas de samba. Além de se tratar do esforço do prefeito do então distrito federal em promover um carnaval de “excepcional esplendor” (PRÓDROMOS DO CARNAVAL, 1950c, p.9), o que incluía o baile carnavalesco do Teatro Municipal e o do Teatro João Caetano (PRÓDROMOS DO CARNAVAL, 1950d / 1950e, p.6). Em contraponto, não faltam críticas ao poder público e sua falta de apoio adequado aos festejos, reforçando que o objetivo do próprio jornal, ao tratar do tema, é o de colaborar com aqueles que pretendem “fazer ressurgir a grande festa do povo brasileiro” (PRÓDROMOS DO CARNAVAL, 1950f, p.10).

Algumas coisas ficam evidentes, como a ideia do carnaval como a verdadeira festa “do povo”, ainda que não se identifique que “povo” é esse. Ao mesmo tempo, nas mesmas páginas que anunciam os preparativos para os festejos, se lamenta o desaparecimento e se anuncia o empenho para o retorno dessa mesma festa. Percebe-se que nesse início da década de 1950, os ranchos não recebem mais destaque nas páginas – mesmo aquelas dedicadas ao carnaval, como é o caso do “Pródromos do Carnaval” do Jornal do Brasil, uma seção temática que abre com um texto introdutório intitulado “Apreciando os Fatos” assinado pelo cronista “Azul” –

e as escolas de samba ainda não despontam como destaques. As páginas, basicamente, falam das sociedades carnavalescas e dos bailes em espaços fechados.

Algumas questões brotam da análise de tais matérias da imprensa. O discurso sobre a decadência ou desaparecimento de um festejo descreve necessariamente o que de fato ocorre com a festa ou existem outros elementos em jogo? Será que tal narrativa não dialoga mais com os ideais de civilização e moral de caráter racista e elitista do que com a realidade dos fatos? Salta daí a pergunta mais importante: Qual deve ser a postura do historiador diante de tais fontes?

Martha Abreu fornece algumas pistas. Ao investigar qual seria o período de desaparecimento dos festejos do Divino Espírito Santo no Campo de Santana, ela se depara com discursos que dão conta de sua decadência ainda na primeira metade do século XIX, embora existam relatos e indícios de que teria durado algumas décadas mais. É preciso lembrar ainda da anunciada morte do entrudo³ tratava-se mais de uma campanha civilizatória contra o festejo em nome do “verdadeiro carnaval” das grandes sociedades do que de um relato fidedigno da realidade das ruas no período carnavalesco. A esse respeito, Abreu nos diz: “Se a história está cheia de discursos sobre a decadência das festas, procissões e seus ativos, cabe ao historiador explicar por que certos sujeitos, em determinadas épocas, produziram esses discursos de forma tão contundente.” (ABREU, 1999, p. 186)

Tais elementos são fundamentais nas investigações sobre a suposta decadência ou desaparecimento do carnaval de rua na área central da cidade. O que de fato está sendo dito? Será que não há mais ocupação carnavalesca da rua, ou que não há a ocupação desejada ou da forma idealizada pela intelectualidade que produz tal discurso? Se o carnaval das sociedades, protagonizado pelas elites e estratos médios, tendo o restante da população como espectadora, já não tem o mesmo apelo, ou se vai migrando para os bailes fechados, será que outros grupos carnavalescos de caráter mais popular não seguiriam ocupando as ruas? Estas questões são fundamentais no trabalho de interpretação das fontes, e podem nos ajudar, por exemplo, a evitar de noções salvacionistas de resgate daquilo que não precisava ser resgatado. O contraste entre o discurso e o fato aparece estampado nas mesmas páginas de jornal. O mesmo “Pródromos do Carnaval” do JB anuncia:

Desde já podemos anunciar que será realizada a passeata monstro de sábado gordo, que há 32 anos vem sendo o ponto alto da nossa maior festa popular.

Está, assim, de parabéns o povo carioca, que não se privará de assistir e aplaudir a tradicional passeata no limiar do reinado de momo. (PRÓDROMOS DO CARNAVAL, 1950g)

³ Na disputa pelo símbolo “carnaval”, textos dos literatos da época declaravam a morte do entrudo (BRASIL, 2011, p.35), como fica muito bem demonstrado no exemplo trazido por Leonardo Pereira de um conto do Raul Pompéia de 1883. Trata-se da morte do velho Borba, o folião apaixonado pelo entrudo (cativante personagem inspirado pelo tio do autor) e, cujo falecimento representa morte da própria prática momesca que ele tanto amava (PEREIRA, 2004, p. 57-94).

É fato que imperam os anúncios de bailes, festas batalhas de confete, feijoadas e gritos de carnaval (em clubes, salões, teatros, hotéis, etc.) e outros eventos pré-carnavalescos de caráter (na maioria dos casos) mais privado – além de outros bem menos festivos como retiros espirituais durante o carnaval. Mas as mesmas páginas anunciam ainda os preparativos de cortejos e diversos eventos na rua, além dos banhos de mar à fantasia (incluindo no roteiro a praia de ramos). Destaco também o anúncio de que eram esperados para o carnaval carioca de 1950 de quarenta a cinquenta mil turistas (PRÓDROMOS DO CARNAVAL, 1950h, p.9).

Um dado curioso são as recorrentes discussões sobre o comportamento dos foliões dos próprios bailes carnavalescos. A ideia da dança e brincadeiras alegres e ingênuas se apresenta constantemente em contraste aos exageros daqueles que, como foi dito em um dos textos, ao invés de “dançar”, preferem “formar ‘cordões’, cantando e pulando” (PRÓDROMOS DO CARNAVAL, 1950i, p.9). O mesmo texto pede que sejam tomadas providências no sentido de manter o ambiente dos salões livres destes sujeitos, se mantendo um ambiente restrito aos que não gostam dos tais cordões.

Tais palavras denunciam, não só o não disfarçado preconceito contra os cordões, como a existência e provável efervescência dos mesmos. Tais cordões parecem, portanto, ser um fenômeno tão presente e ativo que teme-se a sua entrada, ainda que simbólica, nos elitistas salões. Ao mesmo tempo, evidencia-se que tais manifestações, ainda que corriqueiras, não eram, em geral, dignas de nota. São silêncios que, diante de observação atenta, devem soar como gritos. Gritos que dizem muito menos sobre o seu suposto tema, os bailes, do que sobre os populares cordões.

Segue mais um exemplo do que é ou não entendido como digno de nota. Não por acaso, estes tipos de agremiação abaixo citadas são justamente as que recebem subvenções do poder público para organizarem seus préstitos carnavalescos oficiais (PRÓDROMOS DO CARNAVAL, 1950s).

Estamos às vésperas do Carnaval de 1950 [...]

Vão desfilar pelas ruas da metrópole os harmoniosos e belos cortejos dos blocos de Repartições Públicas, das escolas de samba, dos frevos, dos ranchos e das grandes sociedades.

Essas passeatas, organizadas com o carinho[...] a que estamos habituados a assistir, constituirão sem dúvida um dos pontos altos dos folguedos deste ano. (PRÓDROMOS DO CARNAVAL, 1950q)

Contrastante e contraditoriamente, o mesmo discurso que exalta o carnaval das sociedades (grandes e pequenas) como contraposição civilizatória necessária ao carnaval dos cordões, ao defender a autonomia dos clubes perante o poder público, apela ao suposto caráter popular do carnaval. Como se evidencia no seguinte trecho:

O carnaval carioca, convençam-se as nossas altas autoridades, não pode ser dirigido. É uma festa de caráter eminentemente popular, onde cada clube precisa ter liberdade de ação, sem que comissões oficiais, cheias de homens dignos, não há dúvidas, mas leiga na matéria, entravam, ao invés de beneficiar as atividades dos nossos carnavalescos como até agora tem acontecido. (PRÓDROMOS DO CARNAVAL, 1950m, p.9)

O silêncio com relação aos cordões e o aparente enfraquecimento dos ranchos (pelo menos um declínio nas páginas da imprensa) em contraste com o enaltecimento do carnaval dos clubes, seja nos muitos bailes espalhados pela cidade ou nos préstimos das sociedades (e seus artistas carnavalescos) em caráter de competição em uma “estonteante parada de luxo e fantasia” (PRÓDROMOS DO CARNAVAL, 1950°, p.10), fazem parecer que estes últimos são as modalidades legítimas de festejo. É como se carnaval fosse um sinônimo de carnaval das sociedades carnavalescas.

Percorrendo as páginas do JB, nas quais, a sessão Pródromos do Carnaval é de enorme valia para o interesse deste artigo, apresento um levantamento das agremiações que colocaram seus carnavais na rua.

Destacando que as próprias páginas do jornal nem de longe se destinam a “mapear” fielmente o movimento das ruas. Antes, elas representam uma curadoria. Destacam determinados modelos carnavalescos – principalmente as sociedades carnavalescas que disputavam entre si, com seus préstimos, o título de campeã do carnaval – e ofuscam ou omitem os demais. Alguns grupos só poderiam ter seus “vestígios” encontrados nas páginas policiais relatando, principalmente, as repressões sofridas.

De forma que essa incipiente tentativa de “mapeamento”, visa menos retratar a realidade carnavalesca das ruas e mais as contradições presentes no próprio discurso que alardeia uma lacuna carnavalesca de algumas décadas. O foco é a área central (e o próprio recorte das páginas jornalísticas privilegia o eixo Centro X Zona Sul), mas buscando um entendimento mais amplo, trarei as ocorrências de outras regiões. Perceber-se-á que, por vezes, mesmo no período pré-carnavalesco, dois ou mais eventos de destaque acontecem simultaneamente em distintos locais da cidade, dando a noção de um calendário carnavalesco já desde então bastante expandido e pulsante. Nesse sentido, é importante ressaltar que o mapeamento a seguir não inclui os inúmeros eventos fechados, o que dá uma noção ainda maior da efervescência carnavalesca do momento.

Um assunto constante na seção Pródromos do Carnaval, do Jornal do Brasil ao longo do período pré-carnavalesco do ano de 1950 é o descaso do poder público para com o carnaval, principalmente o das sociedades. A falta de apoio contrasta com a expectativa de um carnaval grande e luxuoso em um cenário onde as pequenas sociedades tendem, segundo o cronista Azul, a acabar em um carnaval que busca retomar o seu “antigo esplendor”. Um dado simbólico que pode ilustrar a anunciada situação é o fato de as sociedades não terem obtido (ao contrário do que ocorria nos anos anteriores) a permissão para correr o “livro de ouro”. Ou seja,

conseguirem contribuições junto aos comerciantes, outros empresários e instituições. Tal fato se alia ainda à reclamação apresentada da demora ou ausência de pagamento, por parte do poder público, de auxílio para a execução dos préstimos, que seria especialmente sentida pelas pequenas sociedades que estariam em “dolorosa situação” (PRÓDROMOS DO CARNAVAL, 1950o).

Outra reclamação inusitada trazida em texto pelo cronista Azul se refere à instalação de autôfalantes pelo poder público no carnaval. Tais equipamentos feririam a liberdade do folião, impondo um repertório. Pior, o equipamento funciona durante os préstimos, atrapalhando, segundo o cronista, principalmente aos ranchos (PRÓDROMOS DO CARNAVAL, 1950p). Mas é de se supor que atrapalhassem também (talvez, ainda mais) os cordões e blocos.

Destaca-se também a agenda pré-carnavalesca com eventos diversos em vários bairros da cidade e municípios vizinhos como é o caso de Duque de Caxias:

O Carnaval deste ano promete revestir-se de grande animação e, segundo parece, será deslocado do centro da cidade para a importante Avenida Itatiaia.

Os incorrigíveis foliões da Vila São Luiz, Copacabana, Vassouras, Corte 8 e São Sebastião, estão se arregimentando para uma monumental batalha de confete, desfile de escolas de samba e dos blocos, com prêmios oferecidos pelo comércio aos vencedores.

Será armado um imponente coreto em plena Avenida Itatiaia, a qual será iluminada num importante trecho, de modo a atrair o maior número de foliões.

No próximo dia 3, reunir-se-á a comissão de foliões para tratar dos grandes bailes populares que serão realizados na Itatiaia, patrocinados pelo comércio e pelo público carnavalesco.

A comissão ainda não decidiu onde serão realizados os bailes populares, cuja frequência deverá multiplicar muitas vezes as festas idênticas realizadas em Caxias.

Procura-se para esse fim um grande e adequado salão que comporte, pelo menos 1.500 foliões, tendo em vista a vinda de milhares de pessoas de Braz de Piana, Cordovil, Parada de Lucas e Vigário Geral.

O Club do Frevo, em vias de organização, já dará a sua nota chic este ano, pois conta com muitos mestres da tradicional dança pernambucana.

A visita do Rei Momo I e Único aos festejos da Avenida Itatiaia, está sendo ansiosamente esperada e promete revestir-se de grande entusiasmo e marcará um dos mais retumbantes do carnaval caxiense de 1950. (PRÓDROMOS DO CARNAVAL, 1950r, p.11)

O texto acima dá algumas importantes dicas sobre os fluxos que ocorrem durante os festejos carnavalescos, apontando não só o deslocamento de foliões de alguns bairros cariocas próximos ao município de Caxias, mas também o fluxo de

pessoas do eixo Centro X Zona Sul (representado por Copacabana). Indicando que tais fluxos não se davam em sentido único.

Outro texto que ajuda a dar uma dimensão de como a festa se espalha pelo território carioca tem o título de “O Policiamento Militar Durante o Carnaval: Instruções especiais para o policiamento durante o carnaval de 1950”. Dentre um longo conjunto de instruções, destaco a divisão das unidades de policiamento pelos territórios que ajuda a entender o mapeamento carnavalesco a partir da distribuição policial.

1 - Zona Sul – A cargo da Artilharia da Costa da 1ª R. M. – Inclui: Gávea – Leblon – Ipanema – Copacabana – Urca – Praia Vermelha – Botafogo – Flamengo – Praça Duque de Caxias e Rua das Laranjeiras.

2 – Zona Portuária – A cargo do 1º Re. De Cav. De Guardas – Inclui: praça Mauá – Praça da Bandeira – Campo de São Cristóvão e Caju.

3 - Zona Centro – A cargo do Batalhão de Guarda – Inclui: Catete – Gloria – Lapa – Praça 15 de Novembro – Praça da República – praça Tiradentes – Praça da Cruz Vermelha e Santa Tereza.

4 – Zona Norte – A cargo da 1ª Cia. De Polícia do Exército – Inclui: Praça Saens Peña – Praça Verdun – Praça Barão de Drumond – Tijuca – muda e Largo da 2ª Feira.

5 – Zona dos subúrbios da Central e da Leopoldina – A cargo do Núcleo da Divisão Blindada – Inclui: Na Central: Madureira – São Francisco Xavier, et., etc. Madureira, Jacarepaguá. Na Leopoldina: Largo de Benfica – Carlos Chagas – Bonsucesso do Rio, etc., etc. até Penha Circular.

6 – Linha Auxiliar – A cargo do III-1º R. O. 105

7 – Linha do Rio do Ouro – A cargo da 1ª CIA. Dep. Mat. De Int.

8 – Guarnição da Vila Militar – A cargo da 1ª Div. De Infantaria – De Oswaldo Cruz para Oeste, incluindo Realengo – Bangu – Campo Grande - Santa Cruz e Nilópolis. (PRÓDROMOS DO CARNAVAL, 1950m)

Apesar do evidente espalhamento da festa pelos diferentes territórios da cidade e municípios vizinhos, é notório também o papel do Centro enquanto um espaço de “confluências carnavalescas”, como vem sendo aqui defendido. A área central concentra os desfiles dos ranchos, frevos, grandes sociedades, blocos das repartições públicas e escolas de samba, sem contar o curso, isso só para ficar nos exemplos apresentados nas páginas jornalísticas pesquisadas.

De forma que os ranchos, às 20h da segunda feira de carnaval, se apresentariam na Avenida Rio Branco com as seguintes agremiações: Aliança de Quintino, Decididos de Quintino, União dos Caçadores, Inocentes do Catumbi, Tomara que Chova, Sôdade do Cordão e Índios Guaicurus. De forma que a organização das agremiações se dava exatamente pelas diferentes regiões da cidade da qual vinham, de forma que os oriundos da zona norte faziam seu trajeto pela Praça Mauá, enquanto os da zona Sul se aproximavam pela Praça Paris

(CARNAVAL, 1950a). Ou seja, a Avenida Rio Branco, importantíssimo cenário carnavalesco, era o espaço de “confluência” das correntes momescas de diferentes espaços.

Como diz a edição de quinta-feira pós-carnaval, trazendo o balanço da folia, bem como os resultados dos concursos, uma multidão se comprimiu em frente ao prédio do Jornal do Brasil para assistir aos préstimos dos ranchos. Segundo o texto, apesar de um incessante temporal, pessoas dos mais longínquos cantos da cidade se aglomeraram para prestigiar os ranchos na segunda-feira de carnaval (ÉCOS DO CARNAVAL, 1950a).

Embora o caso dos ranchos seja, talvez, o mais emblemático no sentido de ilustrar a tese das “confluências carnavalescas”, também as grandes sociedades, blocos das repartições públicas e frevos parecem corroborar a hipótese. Concentrando suas sedes e barracões mais próximos à região dos préstitos, congregam, entre membros e público, pessoas das mais diferentes áreas – no caso do frevo, temos ainda o emblemático caso do “Misto Toureiro” que, sediado em Vila da Penha, promove ensaios abertos no período pré-carnavalesco. Evento amplamente divulgado nas páginas do Pródromos do Carnaval –. Isso sem mencionar os desfiles das escolas de samba que, sendo agremiações fundamentalmente enraizadas nos territórios de origem, têm a “confluência” de seus desfiles para a região central, embora ainda sem grande destaque na imprensa do período.

Apesar de o destaque das páginas ser, basicamente, para as grandes sociedades, ranchos e frevos, passando ao leitor a impressão de que tais agremiações seriam a tônica da festa, um outro texto do JB, com o provocativo título de “Panem et Circenses”, escrito em tom mais crítico e mais abertamente racista, nos apresenta um quadro pintado com outras cores e que ajuda muito a iluminar a ideia de decadência do carnaval carioca, alimentando a narrativa de estratos médios e superiores de que a ação mais prudente a se tomar durante os festejos é sair da cidade. Destaco um emblemático trecho:

Os que puderam e tiveram um pouco de equilíbrio deixaram a Capital em busca de menos calor e mais serenidade, de vez que o Carnaval está, a despeito do apoio que tem merecido do ilustre chefe do Executivo municipal, caindo cada vez mais.

Em verdade os aspectos fundamentais do Carnaval brasileiro vão, dia a dia, desaparecendo, para dar lugar à sua africanização progressiva, mercê da glorificação das escolas de samba e dos blocos surrentos que durante três dias, semi-nus, invadem e dominam a cidade apresentando-a aos turistas atônitos, sob uma máscara falsa e antiestética. (Silveira, 1950)

O trecho destacado é tão explícito em seu discurso, que fica difícil tecer comentário –aliás, o teor é tal, que fica difícil resistir à tentação de transcrever o texto na íntegra –, mas é importante destacar que ele anuncia aquilo que seria, provavelmente, a verdadeira origem, ou, mais que isso, a verdadeira essência do

discurso de decadência do carnaval. Tratar-se-ia muito mais de uma queda estética e moral – observada por uma perspectiva aberta e evidentemente racista – do que de um esvaziamento das ruas. Mais do que isso, tratar-se-ia basicamente uma ascensão de práticas consideradas condenáveis por sua africanização – é sempre importante ressaltar que em tal noção de africanização as práticas sonoras e a ideia genérica de batuque (SANTOS, 2020) são sempre um elemento de centralidade, embora não exclusivamente – do que uma diminuição da ocupação das ruas. Já que, segundo o próprio jornal, “uma multidão imensurável se comprimia pelas ruas e avenidas, dominada inteiramente por um sentimento irrefreável de liberdade” (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 1950).

De forma que, perdendo espaço para, os tais grupos “surrentos” (imundos), com suas práticas consideradas condenáveis, as grandes sociedades e outras organizações mais ligadas a estratos médios e superiores da sociedade, cada vez mais se concentram em bailes (embora, como veremos, não cheguem a abandonar as ruas), destacando-se, ainda, que o elitismo é tal, que a própria popularização dos bailes é lida como invasão e como uma imprópria mistura de estratos sociais, ideia que, por sinal, é recorrente nas páginas do *Pródromos*, principalmente no texto inicial assinado por Azul.

E a isto se resume, agora, a grande festa popular brasileira, porque os bailes internos, oficiais ou não, são outros tantos ambientes que se degradam cada vez mais culminando em espetáculos de franca e vergonhosa licenciosidade. E o pior é que nessas reuniões, onde outrora se fazia seleção, hoje, a peso de dinheiro, se misturam e confundem nos mesmos excessos e desregramentos sociais. Bas-fond e elite não se distinguem nessas reuniões orgíacas em que as libações harmonizam e imanizam, para baixo. (Silveira, 1950)

Cria-se, assim, a ideia de uma substituição do carnaval de rua pelo carnaval privado, quando, na prática, o que se deu foi a “africanização” do carnaval de rua, ou seja, a substituição das práticas e, principalmente, das camadas da população que passavam a “dominar” as ruas. Os protagonistas se alteram. Ou seja, tomando aqui as proposições de Clóvis Moura, a população negra detinha “o poder simbólico da cidade durante quatro dias”. (Moura, 2019, p. 181)

De tal maneira que, a “elite” (como dito no texto acima), para evitar se misturar com o “Zé-Povinho”, refugia-se nos selecionados ambientes do baile. Na medida em que tais ambientes passam a ser “invadidos”, só lhes resta abandonar a cidade. Nesta perspectiva, o carnaval acabou. Não em contraste com as ruas abarrotadas de foliões, mas, ao contrário, justamente por conta da ocupação da rua por camadas indesejáveis com as quais não se quer misturar. Daí a contradição fundamental em tal discurso: o carnaval não morreu porque a rua se esvaziou, ao contrário, morreu porque a rua se encheu de povo, disputando e tomando espaço de forma que estratos médios e superiores não tinham mais como festejar sem se misturar, restando o refúgio. E, justamente na medida em que cresce e se populariza, também se “africaniza”. Ou seja, a morte (decretada por tal discurso) do carnaval é, na

prática, o seu “enegrecimento” concreto. O que nos faz pensar que seu “renascimento”, ou “retomada”, seja, justamente, o caminho oposto, ou seja, seu embranquecimento e elitização. Uma mudança na balança de correlação de forças da disputa carnavalesca das ruas, capitaneada, não por acaso, pela zona sul da cidade. Mas isso já é um assunto de décadas a frente.

Além do destaque dado a determinados modelos de agremiações e tipos de festejo em detrimento de outros – como já dito, alguns blocos serão encontrados nas páginas do JB, porém, não naquelas destinadas aos festejos, mas sim nas páginas policiais –, existe também um foco territorial nas áreas do Centro, Zona Sul e Grande Tijuca. Uma demonstração explícita disso se dá quando se fala dos festejos espalhados pelos territórios, aonde existe um pequeno texto para cada “bairro” e um texto genérico falando dos muitos blocos, coretos e outros festejos no “subúrbio da central”. Curiosamente, um trecho diz que os investimentos nos coretos artísticos no subúrbio visavam “prender os foliões no local” (CARNAVAL, 1950b) – o que parece ter, pelo menos naquele ano, surtido algum efeito.

Um levantamento apresentado na seção “Écos do Carnaval” da sexta-feira após o carnaval – passado o festejo, a seção “Pródromos do Carnaval” se transforma em “Ecos do Carnaval” e, no meio do ano, em “Clubs e Festas”, aponta um levantamento de passageiros na Central do Brasil. Registrou-se um total de 576.001 passageiros, enquanto que em dias comuns registra-se 583.857, portanto, uma pequena queda no total. O texto jornalístico registra que a principal causa da redução de passageiros foi o “aguaceiro” que caiu no carnaval daquele ano, porém, aponta que os coretos dos subúrbios tiveram também um forte impacto (ÉCOS DO CARNAVAL, 1950b) –. Mostrando uma íntima relação com as questões discutidas acima, a respeito de território, e o público folião indesejado que ocupava as ruas da área central, “prejudicando” o carnaval com sua “africanização”.

Seguindo na análise dos textos, uma ocorrência que ajuda a dar a dimensão histórica das publicações em um contexto mais internacional, bem como os posicionamentos políticos por trás dos discursos, se dá em um texto intitulado Carnaval no Estrangeiro aonde, pretensamente, se procura dar, sem maiores aprofundamentos, um panorama “global” do carnaval. O texto abre apresentando a premissa de que “sem liberdade não pode haver carnaval”. Assim, em um contexto de guerra fria, declara que nos países do bloco soviético basicamente inexistia carnaval, sendo a Alemanha (então dividida) um bom exemplo disso (NETO, 1950). Evidentemente, com um olhar minimamente atento e crítico, o texto nos fala mais sobre o posicionamento político do jornal do que sobre carnaval. Um outro ponto que também chama a atenção para o contexto histórico é o recorrente uso de metáforas com bombas, por vezes, explicitamente com bomba atômica. Demonstrando o quão recente e acesa era a memória dos eventos de lançamento das duas bombas.

Seguindo nos destaques dos textos, outro evento bastante interessante é o que foi chamado de “ressurgimento do Zé Pereira”. Destaque no Pródromos do Carnaval de quatro de fevereiro, é o assunto do texto de abertura, o “Apreciando

os Fatos” assinado pelo cronista Azul e reaparece em um segundo texto também dedicado exclusivamente ao tema. Ambos exaltam a iniciativa da União Geral das Escolas de Samba em recriar o festejo, enaltecendo suas origens portuguesas e apresentando uma narrativa para sua chegada e consolidação em território nacional em 1855, estando próximo, portanto, a celebração de seu centenário, como demonstra o trecho a seguir: “Assim dentro de cinco anos teremos os festejos do centenário do Grande ‘Zé Pereira’ que esmagou – junto ao Carnaval – o antigo ‘entrudo’ que reinou desde 1600 até 1854 (quase três séculos).”(PRÓDROMOS DO CARNAVAL, 1950n).

Curiosamente, o mesmo texto que enaltece o Zé Pereira que teria, junto ao “carnaval”, esmagado o entrudo em 1855, celebra o “retorno” de diversos elementos típicos do “antigo” festejo umbilicalmente ligados ao entrudo, afirmando que “o cordão com clarins e bumbos terá à sua retaguarda blocos carnavalescos à 1855, diabinhos, dominós, palhaços, velhos, Reis [...] burro, mãe, Maria, borboletas e outras fantasias dessa época, usando limões de cheiro e polvilho.” (PRÓDROMOS DO CARNAVAL, 1950n)

O evento se realizou na Avenida Atlântica, o que não deixa de chamar a atenção. Parece que as velhas práticas de entrudo poderiam ser bem vindas para retomar nostálgicas (re)criações de memórias carnavalescas em busca do dito esplendor do passado, porém, sem o elemento mais importante e também mais incômodo, o “Zé Povinho”, ou seja, a população negra, trabalhadores e pobres em geral, além das demais pessoas marginalizadas. Mais uma vez, o silêncio do não dito grita, a essa altura (quero crer), até mesmo aos ouvidos mais desatentos.

As contradições não findam e, para passar para o próximo ponto que trata justamente do momento pré-carnavalesco, destaco aqui um texto que, embora seja do Jornal do Brasil, não está no Pródromos do Carnaval. É um texto, não assinado, intitulado “Exageros”. Que, lançado na sexta de carnaval, portanto no encerramento do “pré” e entrada no carnaval propriamente dito, caminha no limiar entre um elogio ao clima festivo que tomava as ruas e a crítica ao período tão prolongado em que alegria momesca toma conta da cidade – curiosamente, na mesma página há um outro texto que critica o uso exagerado do “lança-perfume”.

Temos a impressão de que de que nos últimos anos, ou talvez mais, nunca tivemos um Carnaval como tudo indica que vai ser o deste ano. A sensação que se tem, no centro da cidade, há vários dias, é a de que já estamos em pleno reinado de Momo.

Não é apenas o ar de alacridade que se apoderou das ruas, das avenidas, das casas comerciais; não é apenas a ornamentação da Avenida Rio Branco, nem é tão só o movimento excepcional de pessoas nos pontos centrais que nos dá essa sensação.

Basta andar por essas ruas centrais para ver pessoas fantasiadas aqui e acolá, em bailes realizados à plena luz do dia, ou em casas comerciais, cantando e dançando, como novos atrativos à freguesia. Decerto o comércio se beneficia desse movimento, o dinheiro circula, sente-se uma sensação de euforia, a vida torna-se mais alegre.

Mas cabe perguntar aqui se, sendo destinados três dias ao Carnaval, sem falar na tarde e noite do próximo sábado, que já são igualmente carnavalescos, se não está havendo algum exagero nessas manifestações carnavalescas, já não diremos prematuras, mas quase permanentes.

Os ditadores romanos, para aquietar os povos infelizes, oprimidos, famintos, prometiam-lhes pão e circo.

Aqui, ao que se vê, dá-se apenas o último item da fórmula famosa. (EXAGÊRO, 1950)

4. Considerações Finais

Carlo Ginzburg, com seu livro seminal “O Queijo e os Vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição” (Ginzburg, 2006), trabalho de referência para a micro-história, revela como um pequeno ponto do passado iluminado pela procura e análise de seus vestígios por parte do/a historiador/a pode contribuir para iluminar todo um quadro bem maior. O presente texto, focando em um recorte temporal extremamente diminuto e um conjunto de fontes específico, procura lançar luz em um período carnavalesco ainda muito pouco estudado e sobre o qual foram construídos muitos e contraditórios discursos carregados de preconceitos de classe e, principalmente, de racismo.

Minha hipótese é que tais discursos geram efeitos que são sentidos ainda hoje, já que marcam uma espécie de “mito de origem” do atual carnaval de rua carioca, remetendo ao seu “ressurgimento” na década de 1980 a partir de um movimento protagonizado pelos estratos médios e elite residentes, principalmente, na Zona Sul e, periféricamente na área Central e Grande Tijuca, redundando no chamado “boom” (HERSCHMANN, 2013) do carnaval carioca na virada para o século XXI. A base de tal discurso é a ideia de um esvaziamento das ruas que teria se iniciado no início da década de 1950.

Como se pretendeu demonstrar, tal “esvaziamento” trata-se muito mais de uma suposta “decadência” do festejo, principalmente por sua “africanização” do que de um desmantelamento da festa. Ou seja, a rua não teria deixado de ser ocupada, o problema seria um lento e contínuo processo de perda de protagonismo dos estratos médios e elites.

Outro fator fundamental na disputa do passado é a inserção de outros atores que, consigo, trazem outras questões de pesquisa, outros focos, outros interlocutores, outras bibliografias e que apontam, em todo esse movimento, para a centralidade da categoria “raça” e do “racismo”. É em tal perspectiva que Nilma Lino Gomes diz que “O Movimento Negro é um educador”. E essa é a frase que abre e que edifica o livro “O Movimento Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação” (Gomes, 2018). Essa é a tese principal do livro, e, a partir dela, se pensa o Movimento Negro Brasileiro, não só como educador, mas também como “produtor de saberes emancipatórios e um sistematizador de conhecimentos sobre a questão racial no Brasil”. Saberes esses que, se transformando em reivindicações, vão se tornando, em parte, políticas públicas no início do século XXI (GOMES, 2018,

p.13-14). Sendo, assim, um agente fundamental no processo de reorientação epistemológica e política que coloca outras temáticas no cerne das preocupações, não só das ciências sociais e humanas, como também das jurídicas e de saúde.

Diante de tais perspectivas é importante entender que a história é sempre um campo de disputas no terreno do conhecimento construído a respeito do passado e, por vezes, a historiografia fala mais a respeito da disputa em si do que do passado sobre o qual se propõe a investigar.

E, até onde eu consigo perceber, o carnaval – ou, os muitos carnavais, como diria Antonio Risério (1995) – das primeiras décadas da segunda metade do século XX constituem um campo de batalha ainda francamente aberto, dando espaço para muitas pesquisas.

Eis aqui uma modesta contribuição em tal batalha.

Referências

ABREU, M. O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830 - 1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ANDRADE, M. R. D. “O MAIOR CARNAVAL DO MUNDO”: DISCURSOS E REPERTÓRIOS NO CARNAVAL DE RUA DO RIO DE JANEIRO. 2018. Tese de Doutorado – UNIRIO, Rio de Janeiro, 2018.

BORGES, T. D. S. Continuidades Carnavalescas: algumas agremiações e suas confluências. Revista Música, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 127–146, 16 dez. 2024a. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/227727>. Acesso em: 11 fev. 2025.

BORGES, T. D. S. “Os Tempos do Entrudo”: Construções simbólicas negras e os sentidos da “violência”. Música e Cultura, [S. l.], v. 13, n. 3, 2024b. Disponível em: <https://musicacultura.com.br/rmc/article/view/17/12>.

BRASIL, E. Carnavais da Abolição: Diabos e Cucumbis no Rio de Janeiro (1879-1888). 2011. Dissertação de Mestrado – UFF, Niterói, RJ, 2011.

CABRAL, S. Escolas de Samba do Rio de Janeiro. São Paulo: Lazuli, 2016.

CARNAVAL. Jornal do Brasil, [S. l.], Rio de Janeiro, 18 fev. 1950a. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=carnaval&pagfis=1022.

CARNAVAL. Jornal do Brasil, [S. l.], Rio de Janeiro, 19 fev. 1950b. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=carnaval&pagfis=1037.

CARNEVALI, F. G.; MORAES, J. G. V. de. Eneida, amor e fantasia: Eneida de Moraes (1904-1971) - militância e feminismo na história do carnaval carioca. Música Popular em Revista, [S. l.], v. 8, p. e021004, 26 jul. 2021. Disponível em:

<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/muspop/article/view/15194>. Acesso em: 6 fev. 2022.

CARVALHO, B. Cidade Porosa: dois séculos de história cultural do Rio de Janeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

CHALHOUB, S. Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial. 2a. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

COUTINHO, E. G. Os Cronistas de Momo: imprensa e Carnaval na Primeira República. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. v. 5, (Coleção História, Cultura e Idéias).

CUNHA, M. C. P. Ecos da Folia : uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Disponível em: <https://ihgb.org.br/pesquisa/biblioteca/item/7065-ecos-da-folia-uma-hist%C3%B3ria-social-do-carnaval-carioca-entre-1880-e-1920-maria-clementina-pereira-cunha.html>. Acesso em: 16 jun. 2021.

CUNHA, M. C. P. “Você M Conhece?”: significadas do carnaval na Belle Époque carioca. Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 13, 1996. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11259>. Acesso em: 12 jan. 2024.

ÉCOS DO CARNAVAL. Jornal do Brasil, [S. l.], Rio de Janeiro, 23 fev. 1950a. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=carnaval&pagfis=1062.

ÉCOS DO CARNAVAL. Jornal do Brasil, [S. l.], Rio de Janeiro, 24 fev. 1950b. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=carnaval&pagfis=1079.

ENEIDA. História do Carnaval Carioca. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

EXAGÊRO. Jornal do Brasil, [S. l.], Rio de Janeiro, 17 fev. 1950. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=carnaval&pagfis=1001.

FARIA, G. J. M. O Estado Novo da Portela: circularidade cultural e representações sociais no Governo Vargas. 2008. UERJ, Rio de Janeiro, 2008.

FERNANDES, R. Meu Bloco na Rua: a retomada do carnaval de rua do Rio de Janeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

GINZBURG, C. O Queijo e os Vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. 1a. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GÓES, F. A Imagem do Carnaval Brasileiro: do entrudo aos nossos dias. Brasileira da Biblioteca Nacional; guia das fontes sobre o Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. p. 573–588.

GOMES, N. L. O Movimento Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis - RJ: Vozes, 2018.

HERSCHMANN, M. Apontamentos sobre o crescimento do Carnaval de rua no Rio de Janeiro no início do século 21. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, [Online], v. 36, n. 2, p. 267–289, dez. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-58442013000200013&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 27 abr. 2021.

MOURA, C. Quilombos: resistência ao escravismo. 3a. São Paulo: Editora Ática, 1993.

NA POLÍCIA E NAS RUAS. Jornal do Brasil, [S. l.], Rio de Janeiro, 18 fev. 1950. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=carnaval&pagfis=1036.

NETO, A. Nos bastidores do Mundo. Jornal do Brasil, [S. l.], Rio de Janeiro, 18 fev. 1950. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=carnaval&pagfis=1033.

NETO, L. Uma Historia do Samba. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2017.

PEREIRA, L. A. de M. O Carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX. 2. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2004.

PIMENTEL, J. Blocos: Uma História Informal do Carnaval de Rua. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 2002.

PRÓDROMOS DO CARNAVAL. Jornal do Brasil, [S. l.], Rio de Janeiro, 1 jan. 1950a. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=carnaval&pagfis=12.

PRÓDROMOS DO CARNAVAL. Jornal do Brasil, [S. l.], Rio de Janeiro, 3 jan. 1950b. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=carnaval&pagfis=52.

PRÓDROMOS DO CARNAVAL. Jornal do Brasil, [S. l.], Rio de Janeiro, 5 jan. 1950c. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=carnaval&pagfis=91.

PRÓDROMOS DO CARNAVAL. Jornal do Brasil, [S. l.], Rio de Janeiro, 6 jan. 1950d. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=carnaval&pagfis=114.

PRÓDROMOS DO CARNAVAL. Jornal do Brasil, [S. l.], Rio de Janeiro, 8 jan. 1950e. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=carnaval&pagfis=184.

PRÓDROMOS DO CARNAVAL. Jornal do Brasil, [S. l.], Rio de Janeiro, 11 jan. 1950f. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=carnaval&pagfis=228.

PRÓDROMOS DO CARNAVAL. Jornal do Brasil, [S. l.], Rio de Janeiro, 13 jan. 1950g. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=carnaval&pagfis=271.

PRÓDROMOS DO CARNAVAL. Jornal do Brasil, [S. l.], Rio de Janeiro, 14 jan. 1950h. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=carnaval&pagfis=289.

PRÓDROMOS DO CARNAVAL. Jornal do Brasil, [S. l.], Rio de Janeiro, 20 jan. 1950i. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=carnaval&pagfis=425.

PRÓDROMOS DO CARNAVAL. Jornal do Brasil, [S. l.], Rio de Janeiro, 24 jan. 1950j. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=carnaval&pagfis=507.

PRÓDROMOS DO CARNAVAL. Jornal do Brasil, [S. l.], Rio de Janeiro, 25 jan. 1950k. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=carnaval&pagfis=528.

PRÓDROMOS DO CARNAVAL. Jornal do Brasil, [S. l.], Rio de Janeiro, 1 fev. 1950l. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=carnaval&pagfis=679.

PRÓDROMOS DO CARNAVAL. Jornal do Brasil, [S. l.], Rio de Janeiro, 2 fev. 1950m. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=carnaval&pagfis=697.

PRÓDROMOS DO CARNAVAL. Jornal do Brasil, [S. l.], Rio de Janeiro, 4 fev. 1950n. Disponível em:

https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=carnaval&pagfis=734.

PRÓDROMOS DO CARNAVAL. Jornal do Brasil, [S. l.], Rio de Janeiro, 9 fev. 1950o. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=carnaval&pagfis=844.

PRÓDROMOS DO CARNAVAL. Jornal do Brasil, [S. l.], Rio de Janeiro, 10 fev. 1950p. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=carnaval&pagfis=864.

PRÓDROMOS DO CARNAVAL. Jornal do Brasil, [S. l.], Rio de Janeiro, 11 fev. 1950q. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=carnaval&pagfis=881.

PRÓDROMOS DO CARNAVAL. Jornal do Brasil, [S. l.], Rio de Janeiro, 14 fev. 1950r. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=carnaval&pagfis=948.

PRÓDROMOS DO CARNAVAL. Jornal do Brasil, [S. l.], Rio de Janeiro, 16 fev. 1950s. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=carnaval&pagfis=986.

RISÉRIO, A. Carnaval: as cores da mudança. Afro-Ásia, [S. l.], n. 16, 19 jan. 1995. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20848>. Acesso em: 25 out. 2023.

SANTOS, A. B. dos. A Terra Dá, A Terra Quer. 1a. São Paulo: Ubu, 2023a.

SANTOS, A. B. dos. Confluências Sociais: uma contribuição para o seminário da TM. Colonização, Quilombos: modos e significações. Brasília, DF: AYÔ, 2023b.

SANTOS, M. dos S. Perspectivas Etnomusicológicas Sobre Batuque: racialização sonora e ressignificações em diáspora. 2020. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2020.

SAPIA, J. E.; ESTEVÃO, A. A. de M. Considerações a Respeito da Retomada Carnavalesca: o carnaval de rua no Rio de Janeiro. Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares, [Online], v. 9, n. 1, p. 20, 2021.

SILVEIRA, A. P. da. Panem et Circenses. Jornal do Brasil, [S. l.], Rio de Janeiro, 18 fev. 1950. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&Pesq=carnaval&pagfis=1033.